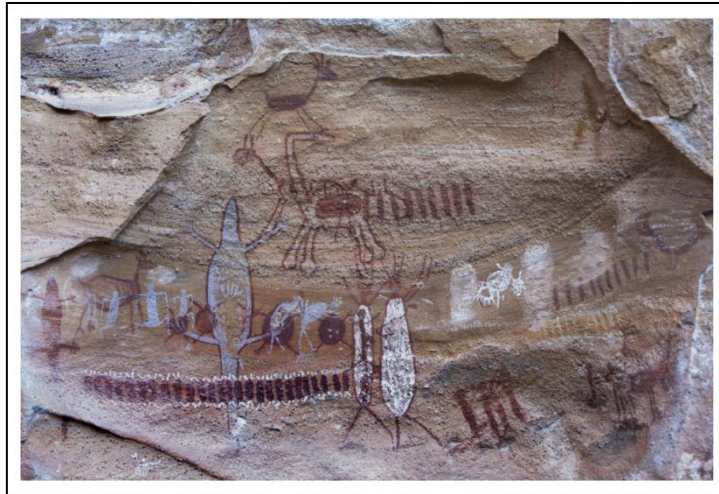


O desenho como expressão¹

Alessandra Ancona de Faria e Suca Mazzamati

A história da humanidade nos mostra que o desenho esteve presente desde seus primórdios. Conseguimos saber sobre nossa história, em grande parte, pelos desenhos deixados nas paredes das cavernas, nos objetos de uso cotidiano, nas obras de arte guardadas pelos museus.



Nesta pintura rupestre da Serra da Capivara², no Brasil, é possível observar a maneira pela qual o ser humano é representado, observamos diferentes animais, percebemos que alguns seres podem ter maior importância que outros, pela diferença nos tamanhos escolhidos. Além de sabermos informações sobre a época vivida, também é possível perceber uma escolha estética, pelas diferentes cores usadas ou pela organização dos desenhos na rocha. Este desenho nos mostra uma necessidade humana de expressão e de registro, além de nossa capacidade de simbolização.

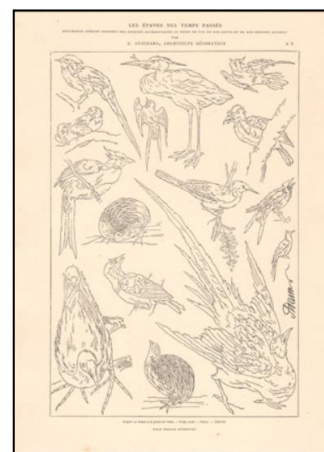
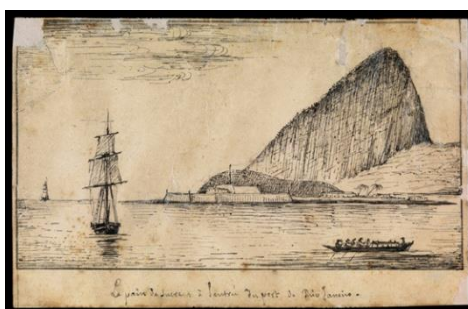


¹ Este texto utilizou de trechos do texto de Suca Mazzamati: “Exercícios de desenho: quais recortes?” MAZZAMATI, Suca M.. *Ensino de desenho nos anos iniciais do Fundamental: reflexões e propostas metodológicas*. PNBE 2013. São Paulo: Editora SM, 2013.

² Imagem disponível em <http://www.fumdham.org.br/midias/midias-fotos/>

Nas três imagens³ observamos diferentes maneiras de expressar a vida da época. São imagens feitas com muitos séculos de diferença temporal e que nos mostram entretanto, o significado que o desenho ocupa entre nós para falarmos sobre o que nos é significativo.

O estudo de Leonardo da Vinci, assim como as três imagens que vemos abaixo, de plantas⁴, cidades⁵ e de animais⁶ nos mostram uma função do desenho que existiu até o século XIX, quando a fotografia foi inventada e pode fazer registros com uma precisão, que a maior parte dos desenhos não conseguia.



Se a fotografia passou a registrar pessoas, espaços, natureza, seres, por que continuamos a desenhar? Se existia alguma dúvida sobre o fato da necessidade de desenhar estar somente atrelada ao registro, como documento que nos contasse sobre uma época, esta dúvida desaparece quando a fotografia passa a existir e esta necessidade, antes presente, desaparece.

A necessidade do registro da realidade é ocupada pela foto, mas o desejo de desenhar permanece. Evidentemente este desejo está vinculado a outras necessidades humanas, como a de expressar-se, a de compreender o mundo onde vivemos, a de compreendermos o que sentimos, a de elaborar emoções e pensamentos. O desejo de registrar o que vemos pelo desenho continua a existir, não mais como uma necessidade informativa, mas pelo prazer em transformar em traços, formas ou cores o que está ao meu lado.

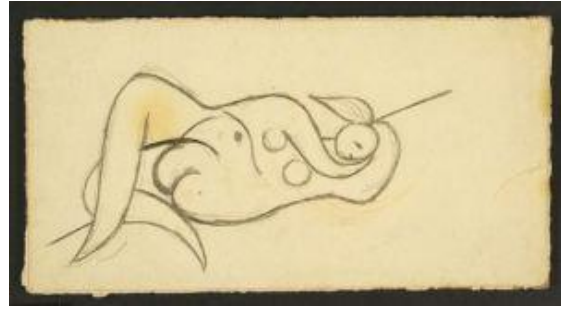
Com a fotografia não necessitamos mais que o desenho seja realista e esta nova condição dará à humanidade a possibilidade de criar muitas maneiras de se expressar.

³ A primeira mostra uma cerâmica coríntia durante o VII século a.C., disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tem/v21n38/1413-7704-tem-21-38-00001.pdf>, a segunda mostra desenhos de Leonardo da Vinci (1452-1519), disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/568/leonardo-da-vinci-o-desbravador-do-corpo-humano>, a terceira apresenta um estudo para “Combate Naval de Riachuelo” de Victor Meirelles de Lima, feito entre 1868/1872, disponível em <https://museuvictormeirelles.museus.gov.br/acervos/colecao-victor-meirelles/attachment/mvm-063/>

⁴ Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n1/02.pdf>

⁵ O Pão de Açúcar, entrada da Baía de Guanabara, em imagem da primeira metade do século XIX (Crédito: *Le Pain du Sucre a l'entrée du port de Rio de Janeiro* / Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro), disponível em <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/48-a-geografia-do-rio-antes-de-ser-o-rio/2395-a-baia-de-guanabara-caracteristicas>

⁶ Disponível em https://www.gravuras-antigas.com/product_info.php?products_id=23243



Nestas quatro imagens, podemos observar desenhos de Van Gogh⁷, Picasso⁸, Amílcar de Castro⁹ e Leonilson¹⁰ e em todos eles é possível observar a ruptura com a preocupação em retratar a realidade. Porém, ao observarmos estas obras será que podemos dizer que elas nos falam sobre a realidade?

Quando pensamos no sentido de ensinar o desenho na Educação Básica, nossa primeira escolha diz respeito ao que pretendemos com o ensino desta linguagem. Queremos formar artistas plásticos? Queremos que nossos alunos saibam reproduzir a realidade? Queremos que eles se expressem? Queremos que eles percebam que elaborar símbolos é uma maneira de saber mais de si e dos outros, assim como do mundo onde estamos? Queremos oferecer a possibilidade de que digam algo com traços que não é possível dizer com palavras?

A escolha sobre nossos objetivos educacionais irá definir as propostas que iremos realizar. Esta escolha, associada com a concepção de educação de maneira mais geral, apontará caminhos também sobre o quanto vamos oferecer modelos prontos ou não, sobre o quanto permitiremos que os alunos criem soluções pessoais, sobre o quanto criaremos condições para que eles se expressem graficamente e verbalmente, refletindo sobre suas produções.

⁷ Disponível em http://vangoghdesenhosecartas.blogspot.com/2014/01/van-gogh-desenhos-e-cartas_29.html

⁸ 'Femme nue couchée' (Marie Thérèse)', 1932, disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/28/cultura/1396023548_825519.html

⁹ Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14825/vista-de-ouro-preto>

¹⁰ Disponível em <http://www.democrart.com.br/aboutart/artista/leonilson/>

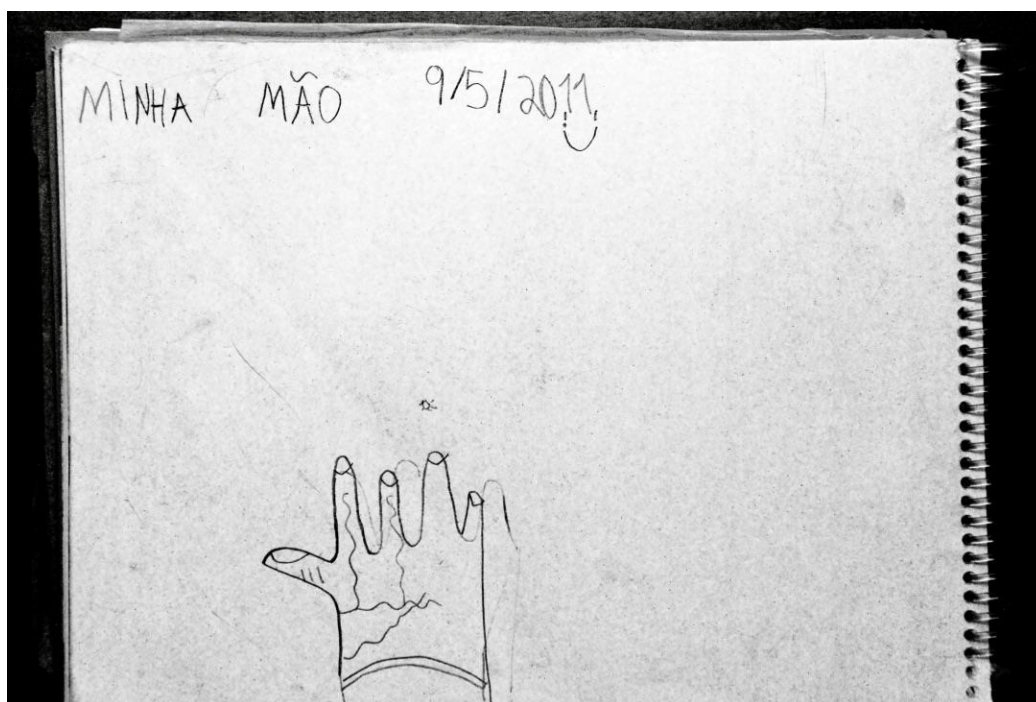
Dentro de uma escolha de buscar caminhos pelos quais possamos permitir a expressão pessoal, a busca pelo traçado de cada um, o encontro com uma estética própria e o desenvolvimento do pensamento visual, apontamos três abordagens para a sugestão de desenhos, que são:

Exercícios de observação

O primeiro ponto a destacar, antes de abordarmos o tema, é o fato de, no desenvolvimento da linguagem escrita da criança que vive em uma sociedade letrada, o processo de alfabetização durar alguns bons anos. Por que deveria ser diferente com o desenho? É impossível a criança sentar-se na frente de uma folha de papel e fazer um desenho como o adulto imagina que este deveria ser. Por acaso nossos alunos já saem escrevendo um romance logo que aprendem a escrever? Aprender uma linguagem leva tempo e é necessário exercitar-se para desenvolvê-la.

O exercício do desenho de observação enquadra-se nessa prática mais ampla de aprendizado de uma linguagem. Tem como objetivo desenvolver exatamente essa competência – a observação – que não é só importante para a área de arte como para qualquer situação da vida.

Convidá-los a observar e olhar com cuidado, meticulosamente, ver as partes, ver o todo, ver em cima, ver embaixo, dentro, fora são estratégias que atendem a curiosidade que têm acerca de tudo. Ao serem incentivados por meio de atividades de desenho que os façam observar o real, o imaginário e todas as coisas, eles encontram um caminho de aprendizado para o qual se sentirão amplamente motivados.



Desenho de observação da mão de aluno do terceiro ano. 2011. Acervo das autoras.

Mas como colocar em prática um exercício de observação? Como inventar atividades que incentivem as crianças a observar e desenhar? Tomemos uma das definições de **observar**: acompanhar com os olhos atentamente. Este estado de total atenção desenvolve a capacidade de esmiuçar e captar tanto os detalhes quanto o conjunto do objeto observado. O que se vê e se percebe é absorvido por todos os sentidos. A passagem desse estado de atenção máxima para a ação de desenhar se realiza ao transportar para o papel, através do lápis, o conjunto de percepções que se observou no foco de atenção escolhido. Se, ao acompanhar com os olhos, vejo que a linha sobe, ela subirá também no papel; se desce ou se é torta, isso igualmente ocorrerá em meu desenho.

O resultado nem sempre é a representação fiel daquele objeto, mas ao reparar bem, em cada traço será possível acompanhar, passo a passo, o que foi percebido na experiência de olhar. Em outras palavras, o que importa nesse tipo de atividade é a observação e o exercício de seu registro, seja qual for o resultado.

Muitas são as brincadeiras e atividades que podem ser feitas com os alunos para desenvolver o desenho de observação; cito apenas alguns exemplos: desenhar *sentado no chão, de pé ou sentado na cadeira o mesmo objeto proposto e em lugar fixo*; desenhar *os objetos que manuseio dentro de um saco, não vale olhar o que é*; desenhar *o que vejo pela janela*; desenhar *cinco poses da mão que não está desenhando*; desenhar *os objetos do estojo*; inventar *uma proposta de desenhar de observação*; desenhar *o sapato que está usando*, desenhar *o que vê no horizonte*.

Exercícios de imaginação

Ao pronunciar a palavra **imaginação** logo nos vem à mente um pensamento de sonho, onírico, como se a imaginação fizesse parte de um mundo que não existe. De certa forma é verdade. Mas analisemos a imaginação sob outras perspectivas. Para Italo Calvino, um dos mais importantes escritores italianos do século XX,

podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal. O primeiro processo é o que ocorre normalmente na leitura: lemos, por exemplo, uma cena de romance ou a reportagem de um acontecimento num jornal, e conforme a maior ou menor eficácia do texto somos levados a ver a cena como se esta se desenrolasse diante de nossos olhos, se não toda a cena, pelo menos fragmentos e detalhes que emergem do indistinto. No cinema, a imagem que vemos na tela também passa por um texto escrito, foi primeiro “vista” mentalmente pelo diretor, em seguida reconstruída em sua corporeidade num *set*, para ser finalmente fixada em fotogramas de um filme – [...] o “cinema mental” da imaginação desempenha um papel tão importante quanto o das fases de realização efetiva das sequências.¹¹

Imaginar é nossa capacidade de criar imagens e rearranjá-las. Para Calvino, nosso cinema mental “não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior”¹². O autor nos faz pensar que existem duas

¹¹ Calvino, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 99.

¹² Calvino. Op. cit. p. 99.

formas de imaginar. Uma é aquela que pode surgir a partir das palavras, como quando alguém diz ou lê em uma reportagem: choveu tanto que alagou a Rua Benedito Rocha. Logo nos vem a imagem de uma rua cheia de água. Quem conhece essa rua imagina mais detalhes, as pessoas conhecidas aparecendo nas janelas, as conversas entre elas, a aflição de um vizinho mais próximo e assim por diante.

Outra forma é aquela em que primeiro se imagina a imagem e depois esta se transforma em texto. Um exemplo simples: uma pessoa está sentada na praça, olhando o movimento e começa a imaginar a cena em que conta para uma amiga o que aconteceu no trabalho no dia anterior. As imagens vêm em seqüências, como um “cinema mental”. Ao chegar em casa, liga para a amiga e conta, transformando em texto oral a cena que havia imaginado na praça.

Como toda capacidade humana, a imaginação pode ser desenvolvida. Desenvolver a imaginação por meio do desenho é um bom caminho, pois o exercício de criar imagens está diretamente ligado a este fazer. É também nesse tipo de exercício que a brincadeira fica mais evidente, pois, como não há nenhum modelo a ser copiado, mas sim inventado conforme a imaginação, o resultado é sempre imprevisível.



Desenho de imaginação feito por aluno do quarto ano a partir de linhas iniciais ou formas vasadas recortadas. 2011, acervo das autoras.

Produzir imagens na imaginação não se limita só a criar novas imagens de objetos reconhecíveis, podem ser criadas imagens abstratas que não tenham semelhança nem com objetos nem com pessoas,

animais ou plantas. No desenho, as imagens abstratas são aquelas geralmente construídas por linhas ou manchas de cor. Há também os desenhos construídos com formas geométricas, nos quais o autor relaciona retângulos, triângulos e círculos. O aluno pode criar imagens de coisas que também nunca foram inventadas ou vistas e que pertencem a mundos desconhecidos, mas que podem, em segundos, ser imaginadas.

A importância e o objetivo de desenvolver a imaginação estão no fato de que o mundo atual é bombardeado por imagens criadas com intenções específicas: vender um produto, fazer campanhas, ilustrar um novo modo de se vestir etc. As imagens criadas para atingir a coletividade ganharam tal espaço dentro da cultura, com as facilidades tecnológicas de reprodução, que imaginar algo próprio, do seu imaginário, torna-se tarefa difícil e empobrecida, como se não houvesse mais o que inventar. Em seu livro *A câmara clara*, Roland Barthes, escritor e filósofo francês, nos chama a atenção para isso:

Diante dos clientes de um café, alguém me disse justamente: “Olhe como são apagados; hoje em dia, as imagens são mais vivas que as pessoas”. Uma das marcas do nosso mundo talvez seja essa inversão: vivemos segundo um imaginário generalizado¹³.

Criar oportunidades de exercícios para a imaginação por meio do desenho ajuda os alunos a elaborar emocionalmente essa enxurrada de imagens com as quais têm contato todos os dias, como também os auxilia a compreendê-las de forma compatível com os pensamentos e a linguagem expressiva próprios de sua idade.

Um exemplo de atividade que o professor pode desenvolver com seus alunos: fazer uma interferência na folha de papel para que o aluno continue a linha, o ponto ou a forma já desenhada. Nesse tipo de proposta, o professor deve tomar cuidado para que as interferências não fiquem repetitivas ou sem graça, para tanto seria interessante ele mesmo exercitar a imaginação ao inventar as atividades de seu planejamento.

Algumas outras sugestões de exercícios de desenho de imaginação que podem ser propostos às crianças: desenhar *um sonho*, desenhar *o pior monstro do universo*, *o monstro mais bonzinho*, desenhar *uma máquina ainda não inventada*, desenhar *os seres que moram no centro da Terra*, desenhar *o encontro de muitas linhas*, desenhar *a coleção de sapatos da princesa*, desenhar *a nova camisa do seu time preferido*, desenhar *um novo meio de transporte*, desenhar *alguma coisa que não se parece com nada*, desenhar *com a tesoura e a cola* (ou seja, o aluno recorta com a tesoura formas imaginadas em papéis coloridos e os cola no suporte, criando uma composição visual).

Exercícios de memória

As imagens vão se acumulando no cérebro e as processamos de diferentes maneiras. Vamos, por assim dizer, formando um banco de memória de imagens, sejam elas criadas pela mente ou captadas pela

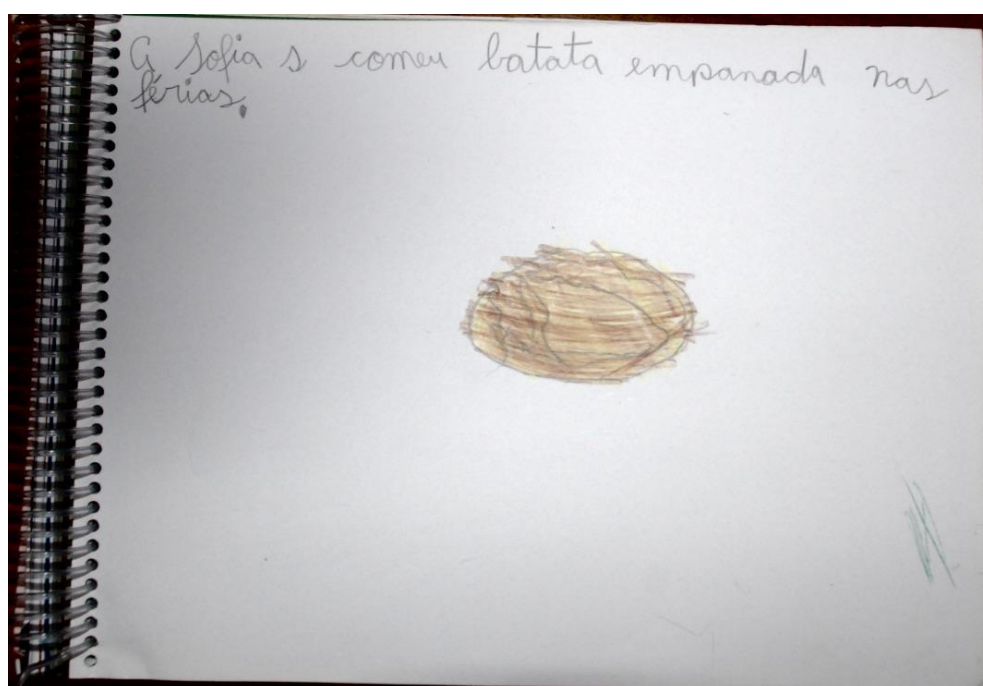
¹³ Barthes, Roland. *A câmara clara*. Trad. Julio Castañon Guimarães. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 173.

visão. O desenvolvimento da memória visual por meio do desenho ajuda não só a guardar as imagens dos objetos separadamente, como também a memorizar a sua inserção no espaço.

Por exemplo: pode-se muito bem lembrar a escova de dentes que se usa todos os dias, mas às vezes é um processo tão automático que não se sabe muito bem como ela é. Se propuser ao aluno que desenhe a escova de dentes dele, talvez não se lembre dela com detalhes, embora, com certeza, saiba reproduzir alguma característica do objeto. Se, ao contrário, pedir que desenhe o lugar em que guarda a escova, ele mentalmente irá percorrer na memória o movimento que faz para guardá-la, e acabará desenhando o armário do banheiro ou um pote onde ficam todas as escovas. Na verdade, para essa atividade, ele realizou um passeio mental por todo o ambiente.

Uma criança que fica jogando um *game* no computador está tão concentrada naquelas imagens que se movimentam na tela que pode perder a consciência de que, por exemplo, está sentada em uma cadeira, na sala e que o computador se encontra sobre a mesa ao lado do sofá. Rememorar o espaço onde brinca – e lembremos que espaço só existe quando há relação entre os elementos envolvidos – por meio de exercícios de desenho ajuda a criança a posicionar-se com mais propriedade e equilíbrio nesse mesmo espaço.

Na maioria das vezes, em função de muitas variáveis, vive-se a rotina e não se percebe o espaço nem os objetos nele inseridos. As imagens do caminho da casa à escola, realizado todos os dias, também perdem seu significado pela repetição, e vão permanecendo em nós e nos nossos alunos sem nos darmos conta de qual é o interesse que isso tem em nossas vidas. O exercício de *lembrar* – dos objetos, das pessoas, dos encontros e desencontros e das próprias imagens que nos rodeiam incessantemente – auxilia a significar e tornar consciente nossas ações diárias.



Desenho de memória de aluna: o que a amiga comeu nas férias. 2011, acervo das autoras.

Conforme as imagens vão sendo acumuladas no cérebro, vão se criando desenhos de diferentes aspectos, coloridos, em branco e preto, lineares, com formas definidas e outras vezes indefinidas. Esse arsenal armazenado em cada pessoa é o conhecimento do mundo aprendido e são desenhos dentro da cabeça. Aprender a transportá-los de volta para o papel ou para qualquer outra superfície é tarefa que pode ser exercitada.

O professor pode fazer uma lista de atividades para o exercício da memória visual, dividindo-a por temas como objetos, pessoas, lugares, sensações, animais, frutas, árvores, comidas, viagens, passeios ou outros que inventar.

Seguem algumas sugestões de exercícios de memória: *desenhar as frutas de que eu mais gosto, desenhar o quarto em que eu durmo, desenhar de memória um amigo, desenhar um carro que já vi, um animal que eu conheço, alguém que gosta muito de minha família, desenhar o fogão de minha casa, o sapato de que menos gosto, meu brinquedo preferido, a rua em que moro.*